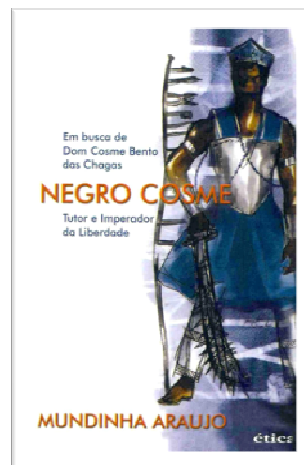
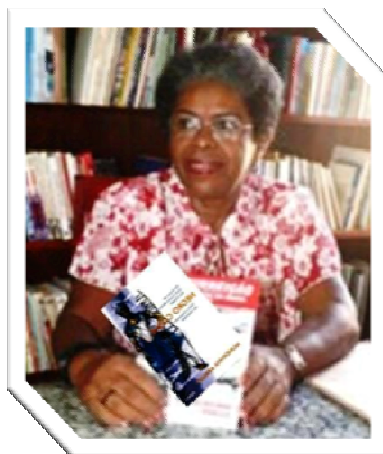
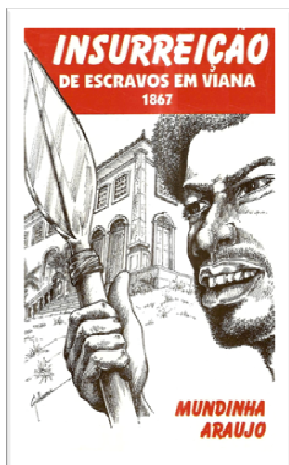


As implicações de Mundinha Araújo: da Insurreição de Feliciano Corta-Mato ao Ressurgimento de Dom Cosme Bento das Chagas



Viajemos em busca de Cosme

Parabéns a Mundinha Araújo
Que nos permite fazer uso
Deste instrumento vital
Pra compreender o que fomos
Traçar para onde vamos
E entender o momento atual

Ela tem um dom quase nato
De nos transportar ao passado
Quando conta nossa história.
A base dos seus argumentos
Vem de pesquisas em documentos
Que vamos conhecer agora

Pois esta magnífica obra
Revela coisas fabulosas
De Cosme Bento das Chagas
Libertador, feiticeiro
Imperador, líder guerreiro
De uma Insurreição Escrava

Com tal precisão cronológica
Relaciona e nos explica
(Para evitar confusão)
Diferençar a Balaiada
Da guerra da Massa Escrava
Buscando a libertação

O Maranhão dos tempos idos
(Como se lá tivesse vivido)
Mundinha narra instigante
Enfoca os vis preconceitos
Os injustiçados e seus feitos
Assumindo o olhar militante

Por aqui vou me conter
Para você também ler
E mergulhar nesta aventura
É envolvente esta viagem
Adquira sua passagem
E tenha uma boa leitura!

Magno Cruz
Militante do Movimento Negro

Negro Cosme, a obra em lançamento

No interior do Maranhão, na primeira metade do século XIX – Quilombolas, Escravos, Balaios e Bem-te-vis foram protagonistas da maior rebelião popular ocorrida nessa província – a Guerra da Balaiada (1838/1841). O negro livre Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme, liderou a insurreição de escravos deflagrada nesse período, arregimentando para mais de 3000 negros na luta pela liberdade.

Para desvendar a participação do Negro Cosme na Balaiada; e o perfil desse líder, que ainda hoje é um enigma para os historiadores, Mundinha Araújo, que é militante do Movimento Negro, desenvolveu uma ampla pesquisa documental em arquivos e bibliotecas, revelando neste trabalho, a trajetória de *Dom Cosme Bento das Chagas – Tutor e Imperador da Liberdade*, desde 1830 até a sua execução em 1842.

Se “**Insurreição de escravos em Viana**” foi uma inquietação de anos de estudos da pesquisadora Mundinha Araújo, com certeza, “**Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas**” foram “fatos” que motivaram as “idéias” dessa estudiosa de estirpe, embora, eles tivessem sido feios e elas belas. Sente-se claramente, uma “transmutação ancestral”, quando a pesquisadora debruça-se sobre esses tipos de documentos, o encontro de seu inconsciente coletivo com esse passado, dá-se de forma emocionante: no calor da hora, no tamanho do espaço e na velocidade do tempo dos acontecimentos que se fizeram históricos. Entre a frieza e a objetividade dos documentos oficiais, ela passeia e “flagra” cenas de um dia-a-dia distante, que se justificam a luz da historiografia.

Uma das figuras mais controversas da História do Maranhão – o Negro Cosme – acaba de ressurgir por meio de uma cuidadosa análise de documentos sobre a Balaiada e será o tema do novo livro da jornalista e escritora, ensaísta Maria Raymunda Araújo. É o que diz um artigo de Manoel Santos Neto¹:

“A nova obra de Mundinha Araújo, além de permitir uma releitura sobre a mais sangrenta revolta popular da história maranhense – a Balaiada – lança luzes sobre o polêmico Negro Cosme, hoje reconhecido como um dos mais importantes personagens da luta contra a escravidão no Brasil. Mas nem sempre foi assim. Mesmo tendo um papel de inegável valor histórico, o líder negro não escapou de ser tratado como um personagem folclórico em boa parte da literatura que trata sobre o assunto.

No romance *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello, Negro Cosme é apresentado como “o preto de mais poder em todo o nosso Maranhão”. O trabalho de Mundinha comprova que, pouco antes de ser enforcado pelo governo, Dom Cosme Bento das Chagas se assinava como tutor da liberdade e chegou a se intitular Imperador. A pesquisadora observa que o líder negro passou a ser ridicularizado como um sujeito maluco, alienado ou aloprado, que acabou virando lenda.

Aliás, numa das passagens da obra-prima de Montello aparece à figura imponente do preto Cosme, “que só andava num andor, no ombro de quatro pretos, metido numa roupa de padre, com um chapéu alto na cabeça, dando patentes de capitão e títulos de nobreza aos seus amigos, sempre por atos de bravura, e que consistiam em saquear as fazendas próximas”.

Segundo Mundinha, na bibliografia oficial varia entre dois a cinco mil o número de guerreiros liderados por Cosme. Alguns livros salientam que ele, na heróica luta pela liberdade, abriu uma escola, para que os negros tivessem a chance de aprender a ler e escrever, e era sem conta a gente armada de ba-camartes, espadas, lanças, espingardas, facas, punhais, barras de ferro e até

¹ Publicado no *Jornal Pequeno* – São Luís/MA, em 29 de novembro de 2006. Escrito por *Manoel Santos Neto*, com o título: Mundinha Araújo conclui pesquisa sobre o líder da maior insurreição de escravos ocorrida no Maranhão.

pistolas, pronta para o combate. Montello retrata Cosme no comando de ministros e cortesãos, “como o outro Imperador, que vivia no Rio de Janeiro, com seu papo de tucano”.

Papéis da Balaiada lançam luzes sobre a escravidão negra

Desde o período (1980-1990) em que organizou documentos para a História da Balaiada, posteriormente publicados pelo Arquivo Público do Estado, Mundinha Araújo passou a recolher e selecionar todos os papéis nos quais havia referências, muitas delas ainda inéditas, sobre o Negro Cosme. Uma constatação é inescapável: houve uma guerra paralela, uma efetiva insurreição de escravos, chefiada por Cosme, ao longo de todo o período em que durou a Balaiada no Maranhão.

Esta pesquisa dá perfeitamente para se reavaliar fatos históricos e compreender Cosme como um personagem que tem que ser estudado como alguém que teve um destaque considerável, não como criminoso, como bandido, mas como alguém que teve a capacidade de liderar milhares de negros, incluindo escravos e pretos libertos, africanos e crioulos – os negros já nascidos no Brasil, afirma Mundinha Araújo.

Para ela, o exército de Cosme atuava como uma frente, com muitos africanos, porque o Maranhão ainda tinha um contingente de africanos muito expressivo, naquela época. Era uma batalha de guerreiros, e Luís Alves de Lima só considerou realmente pacificada a província quando ocorreu a prisão de Cosme, assinala Mundinha. A força do governo, que andava perseguindo o Balaio no sertão, também perseguiu implacavelmente o Negro Cosme, na fazenda da Lagoa Amarela, mas ele e seus guerreiros não se renderam. Lutaram até o fim.

Preso em fevereiro de 1841, Negro Cosme foi executado em setembro de 1842, após condenado à forca por liderar no Maranhão uma das mais temidas insurreições do povo negro ocorridas no Brasil. À frente dos quilombolas, Cosme tinha um projeto específico, que muitas vezes fora confundido com a luta mais geral dos chamados bem-te-vis. Ele insurgiu-se contra a escravatura, em favor da liberdade. E foi lutando para pôr fim à escravidão que ele engrossou as fileiras da Balaiada, a grande revolta popular que teve lideranças como o chefe índio Matroá, o vaqueiro Raimundo Gomes, Manoel Ferreira dos Anjos, o Balaio, e tantos outros que pegaram em armas contra o arbítrio, a corrupção e outros desmandos, que tantas dores, danos, humilhações e desgraças causaram às populações negras, camponesas e indígenas daquela época.

O suplício de um defensor da liberdade

Dono de uma impressionante biografia, que o elevou ao panteão dos mitos, Dom Cosme Bento das Chagas, o defensor da liberdade, virou vilão, à luz da bibliografia oficial, por conta de sua heróica participação na Balaiada que, mesmo sem um comando central, infligiu fragorosas derrotas contra o poder constituído, ocupando importantes cidades como Caxias, Humberto de Campos e Icatu, esta última próxima a São Luís.

Mas o processo que desencadeou a condenação à morte do líder negro está relacionado à luta contra a escravidão. Cosme já havia liderado inúmeros negros insurretos nos idos de 1830, nos arredores da cidade de Codó, o que lhe

valeu uma condenação. Em 1839, à frente de inúmeros negros, tomou a Fazenda da Lagoa Amarela, às cabeceiras do Rio Preto, tornando-a, a partir de então, seu quartel-general. Dentro desse quilombo militar, montou uma escola, a fim de que todos pudessem aprender a ler e escrever, o que naquela época foi um feito notável, tendo em vista que somente os mais abastados usufruíam desse direito.

Muitos autores acreditam que Cosme se destacava na arte da estratégia militar, pois seus inimigos o respeitavam e o temiam. Prova disso é que Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, reconheceu em Negro Cosme, no mês de setembro de 1840, a mais importante figura a assustar os fazendeiros, por estar à frente de milhares de negros por ele sublevados.

Na Balaiada, os negros foram os últimos a capitularem. A insurreição foi dada por terminada somente quando as tropas legais capturaram Cosme. No entanto, os combates foram tão intensos e ferozes que a política oficial se viu frustrada na tentativa de poupar a vida dos escravos, para serem entregues aos seus antigos senhores. Negro Cosme é, sem sombra de dúvidas, um símbolo de liberdade do povo maranhense, assim como Zumbi dos Palmares está entre os mais ilustres heróis da Nação.

Violência e repressão nos tenebrosos tempos do Império

O Brasil viveu, entre 1831 e 1840, uma época decisiva. A Independência consolidou um modelo político centralizador. A Corte de Dom Pedro I não permitia a autonomia política das províncias, provocando cisões em todas as regiões, onde as facções políticas disputavam a preferência do imperador. Para complicar ainda mais, a enorme opressão social - típica de uma sociedade escravocrata - tornava o equilíbrio político regional extremamente frágil.

Com a abdicação de Dom Pedro I, em 1831, e a impossibilidade de seu filho, ainda criança, assumir o trono, forças políticas e sociais desprestigiadas resolveram tomar o destino em suas mãos, formando contingentes armados. Algumas revoltas, como a Sabinada, na Bahia, e a Cabanagem, no Pará, colocaram em risco a unidade nacional, ao propor a separação do Império. Os farroupilhas chegaram a instituir um regime republicano no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Estes movimentos lutaram por projetos alternativos de nação, mas foram vencidos no violento processo de construção do Brasil.

O trabalho de Mundinha Araújo mostra que a primeira grande insurreição de escravos ocorrida no Maranhão foi à liderada por Negro Cosme. A segunda foi à insurreição de escravos ocorrida em Viana. Além da importância histórica incontestável, a pesquisa de Mundinha também suscita uma série de reflexões. Faça-se então a leitura do livro *Insurreição de Escravos*, cuja reedição foi lançada durante uma sessão solene da Academia Vianense de Letras, que aconteceu na Igreja Matriz da cidade de Viana, na noite de 18 de novembro de 2006.

Trata-se do relançamento de uma obra que veio a público em 1994 graças ao antigo Plano Editorial do extinto Sioge e que, por seu inquestionável valor documental, ganhou uma segunda edição (revista e ampliada) graças à iniciativa da Academia Vianense de Letras e ao patrocínio da Prefeitura Municipal de Viana, através da administração do prefeito Rilvamar Luís.

O presidente da Academia Vianense de Letras, Luiz Alexandre Raposo, resalta que, completamente esquecida pela história oficial, não fosse este oportuno trabalho da pesquisadora Mundinha Araújo, a “revolta dos pretos de Viana” tem alcançado, desde que o livro foi editado pela primeira vez em 1994, citações nas mais diversas obras que tentam melhor esclarecer a postura do negro frente à tão cruel forma de dominação. De acordo com Luiz Raposo, alguns estudiosos do assunto chegam a considerar o episódio vianense como um dos levantes de escravos mais importantes já registrados no Brasil.

Por isso mesmo, Mundinha Araújo afirma que o objetivo principal é a divulgação de seu trabalho junto às escolas. Ela espera que o episódio, que foi muito importante em Viana, desperte interesse dos professores e alunos. “O que eu pretendo mesmo é, a partir de agora, retomar as visitas às comunidades da região, que na época foram abrangidas por este conflito”, resalta Mundinha.

Pequena Bibliografia



Maria Raymunda Araújo, seu nome quando foi levada a Pia Batismal. Mas, por simplicidade, decidiu ser a implicada pesquisadora Mundinha Araújo. Fundadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (1979) e, desde então, vem desenvolvendo pesquisas sobre a resistência do negro escravo no Maranhão (fugas, quilombos, revoltas e insurreições); comunidades negras rurais; além da resistência cultural (festas e danças de pretos), constituindo um valioso banco de dados, cujas informações vêm contribuindo para a construção da história do negro no Maranhão. Coordenou o “Mapeamento cultural dos povoados de Alcântara” (1985-1987) e foi diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), de 1991-2002.

Publicou as seguintes obras:

“Breve memória das comunidades de Alcântara” (1990), “A invasão do quilombo Limoeiro/1878” (1992), “Insurreição de escravos em Viana/1867” (1994) e foi organizadora da obra “Documentos para a história da Balaiada” (2001).

Parabéns de todos colaboradores da Fundação Conceição do Maracu.

Pedro Mendengo Filho

Viana, 10/10/2008.